

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-9, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p> http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.37872</p>	

SEÇÃO: ARTIGO

Os desamparos da maternidade em um contexto de vulnerabilidade social

The helplessness of motherhood in a context of social vulnerability

El desamparo de la maternidade en un contexto de vulnerabilidad social

Maiquélen Silva¹

orcid.org/0000-0002-9180-5853
psicomaiquelensilva@gmail.com

Amanda Wecker¹

orcid.org/0000-0002-5573-3928
amandawecker@feevale.br

Lisiane Machado de Oliveira-Menegotto¹

orcid.org/0000-0001-5670-9332
lisianeoliveira@feevale.br

Carmen Esther Rieth¹

orcid.org/0000-0001-9865-1650
carmener@feevale.br

Recebido em: 5 maio 2020.

Aprovado em: 24 ago. 2021.

Publicado em: 14 jun. 2023.

Resumo: Algumas mães, mesmo acompanhadas de um parceiro, desempenham solitariamente múltiplos papéis, cuidando da rotina de casa, do trabalho e, precariamente, de si mesmas. Com o objetivo de discutir a maternidade em um contexto de vulnerabilidade e suas implicações no estabelecimento da relação mãe e filhos, a partir de um caso, utilizou-se um método observacional psicanalítico inspirado no Método Bick de Observação, sendo uma pesquisa qualitativa. As observações foram realizadas considerando os três tempos: observação semanal, no mesmo dia e hora; relato da observação, de forma descritiva e implicada; e, seminário de supervisão, para discussão das observações. Evidenciou-se o desamparo sentido por essa mulher-mãe que, apesar da presença da família e do esposo, não recebia o apoio necessário. Sua exaustão, oriunda do desamparo, resultava em perda de controle emocional em relação aos filhos. Ressalta-se o valor do Método Bick de Observação ao possibilitar um olhar sensível à maternidade.

Palavras-chave: maternidade, vulnerabilidade, método de observação, psicanálise

Abstract: Some mothers, even when joined by a partner, end up playing multiple roles alone, taking care of the household chores, their work lives and, precariously, of themselves. In order to discuss motherhood in a context of vulnerability and its implications in the establishing of the relationship between a mother and her children, based on a specific case, an psychoanalytic observational method inspired by the Bick Method of Observation was employed, being a qualitative research. The observations were carried out considering three tempos: weekly observation, on the same day and time; observation report, in an involved and descriptive way; and supervision seminar, to discuss the observations. It was made evident the helplessness experienced by this woman-mother, who, despite the presence of her husband and family, did not receive the necessary support. Her exhaustion, stemming from this helplessness, resulted in a loss of emotional control over her children. The value of the Bick Observation Method is highlighted, as it enables a sensitive outlook towards motherhood.

Keywords: motherhood, vulnerability, observation methods, psychoanalysis

Resumen: Algunas madres, incluso las acompañadas de pareja, desempeñan múltiples papeles solas, cuidando la rutina de la casa, el trabajo y, precariamente, ellas mismas. Para discutir la maternidad en un contexto de vulnerabilidad y sus implicaciones para el establecimiento de la relación entre las madres y sus hijos, a partir de un caso, se utilizó un método observacional psicanalítico inspirado en el Método de Observación Bick, haciendo de esta una investigación cualitativa. Las observaciones se realizaron considerando los tres tiempos: observación semanal, en el mismo día y hora; informe de la observación, de forma descriptiva y implícita; y, seminario de supervisión, para discutir las observaciones. Se hizo evidente el desamparo que siente esta mujer-madre, quien, a pesar de la presencia de su familia y esposo, no recibe el apoyo necesario. Su agotamiento, derivado del desamparo, resultó en una pérdida del control emocional sobre sus



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil.

hijos. Se destaca el valor del método de observación de Bick, que permite una mirada sensible a la maternidad.

Palabras clave: maternidad, vulnerabilidad, métodos de observación, psicoanálisis

A maternidade na vida de uma mulher tende a mobilizar inúmeros sentimentos, podendo despertar felicidade, mas também insegurança e desamparo. Na contemporaneidade, os arquétipos da maternidade refletem uma mulher forte, que sustenta desejos para além da vontade de ser mãe. Neste contexto, coexistem mães que, mesmo estando acompanhadas de um parceiro, desempenham heroicamente múltiplos papéis. Estas mães vivenciam a maternidade de forma desamparada, mesmo na companhia de uma figura paterna ou da família extensa. Nessa perspectiva, sozinhas no exercício de suas funções e, sobretudo, no manejo dos mais contraditórios sentimentos, a maternidade é objeto de reflexão, compondo o centro da discussão do presente artigo. Assim sendo, este estudo tem como objetivo discutir a maternidade em um contexto de vulnerabilidade social e suas implicações no estabelecimento da relação entre a mãe e seus filhos.

Método

O objetivo proposto emergiu *a posteriori*, a partir da análise dos relatos de observação oriundos do Método Bick de Observação da relação mãe-bebê. O artigo trata de um recorte de um estudo maior, denominado "Jogos constituintes do sujeito no laço mãe-bebê", que integra o Programa de Extensão da Universidade Feevale intitulado "Mãe-bebê: da gestação aos primeiros anos de vida". O referido programa tem como foco a saúde da mulher durante o período gestacional e puerperal e acompanha o desenvolvimento da criança até um ano de idade através de atividades interdisciplinares. Estão envolvidos os cursos de Enfermagem, Fisioterapia, Medicina, Nutrição e Psicologia que, através de ações educativas, preventivas e de promoção à saúde, realizam visitas domiciliares às participantes do programa. As ações do programa ocorrem em um bairro de periferia próximo a um dos *campi* da Universidade

Feevale, sendo caracterizado como um lugar carente e vulnerável em função das precárias condições de vida, violência, narcotráfico e das zonas de invasão, com ocupações irregulares encontradas, em especial, em áreas de alto risco de deslizamento.

A pesquisa foi realizada de acordo com as recomendações do Método Bick de Observação. Tal método foi criado com a proposta de permitir ao observador acompanhar os primórdios do desenvolvimento do bebê, considerando o seu contexto familiar e social. Esther Bick foi pioneira com a criação do método que permite a prática da observação direta na formação de psicoterapeutas, que se beneficiam com a compreensão da experiência do desenvolvimento infantil (Oliveira-Menegotto et al., 2006). Conforme prescreve Bick (1964/2002), o método de observação requer três tempos distintos, sendo eles: a observação propriamente dita, que ocorre na casa do bebê, sempre no mesmo dia e horário; em seguida, o relato da observação, em que o observador descreve, de acordo com os pressupostos do método, tudo aquilo que observou; e, por fim, o encontro semanal de supervisão coletiva, onde o observador faz a leitura da observação junto à equipe de pesquisa e seguidamente se dá uma compreensão dos aspectos psíquicos da cena observada. De acordo com Scorsolini-Comin et al. (2011, p. 153), "todas as emoções provocadas no observador e no grupo constituem material para ser discutido e amadurecido de forma compartilhada". Trata-se, portanto, de um estudo qualitativo, longitudinal e descritivo que envolve observação participante, de cunho psicanalítico. Os dados foram coletados através de observações realizadas semanalmente, pela primeira autora deste artigo, durante uma hora, sempre no mesmo dia e horário, conforme combinação estabelecida com a família, totalizando 50 observações.

Na perspectiva psicanalítica de pesquisa, o eixo central é o inconsciente e a transferência. A peculiaridade desse tipo de pesquisa ancora-se na singularidade do inconsciente humano, de tal forma que relaciona não só o inconsciente do

sujeito da pesquisa, mas também a do pesquisador que, movido por sua interferência subjetiva transferencial e sua construção ficcional, cria uma nova possibilidade de significação para os dados descobertos de seu estudo. Portanto, o estilo e a singularidade do pesquisador darão os contornos da coleta e leitura dos dados (Coelho & Santos, 2012).

As observações foram realizadas com uma família composta pela mãe Valentina (18 anos), o pai Lucas (31 anos) e seus dois filhos, sendo o mais velho Antônio (três anos) e o bebê Augusto, que fora observado durante o seu primeiro ano de vida. Os nomes foram alterados com o intuito de preservar suas identidades. Todas as observações foram relatadas de forma descritiva, considerando os acontecimentos presenciados e os sentimentos despertados na observadora. Esses relatórios de observação configuraram-se em material de pesquisa, que é objeto de leitura e discussão nos seminários de supervisão coletiva, tendo a participação de uma supervisora, acadêmicos e profissionais que compõem a pesquisa. O material, como um todo, foi submetido a uma análise, conduzida na mesma lógica de uma escuta psicanalítica, considerando a atenção fluente e as questões transferenciais, entre outras formações do inconsciente tanto da família como da observadora. Torna-se imprescindível acolher e investigar o clima emocional vivenciado pelos protagonistas da pesquisa, uma vez que o que está em jogo é a intersubjetividade vivenciada no campo transferencial (Cursino et al., 2015, p. 85). Por tratar-se de uma pesquisa de cunho psicanalítico; as discussões em supervisão coletiva dialogaram permanentemente com a teoria psicanalítica. No estudo, utilizou-se, também, do método de pesquisa denominado construção de caso, que se refere a uma metodologia própria da psicanálise, seguindo as diretrizes freudianas, indo além de contar o caso e dizê-lo a partir da teoria. Trata-se, na verdade, de reconstituir uma ficção ou, ainda, construir singularmente o lugar psíquico da mesma (Fédida, 1991). Convém mencionar que este estudo se constrói com base nos princípios éticos que orientam a prática

profissional do psicólogo, para tal segue-se a resolução número 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Feevale (Parecer nº. 1.424.605).

No caso que será narrado, veremos as dificuldades enfrentadas por Valentina, uma mãe que vive em situação de vulnerabilidade e constrói a sua maternidade em um contexto de pobreza de recursos socioeconômicos e psíquicos. Valentina e sua família moravam em uma vila bastante mencionada na cidade pela pobreza, ocupações irregulares, violência e tráfico de drogas. Durante o tempo das observações, residiam em uma casa de alvenaria, próxima ao posto de saúde da vila, sendo paga pelo Programa Aluguel Social, já que anteriormente moravam em área de risco de desmoronamento, na mesma localidade. O companheiro de Valentina, Lucas, era o único provedor da família que, também, recebia auxílio do governo através de outros programas sociais como o Bolsa-Família. Neste contexto, entende-se por vulnerabilidade social a insuficiência de recursos materiais e simbólicos que a família dispunha, bem como a debilidade no acesso às oportunidades sociais, econômicas e culturais que caracterizam uma situação de incerteza e insegurança intrafamiliar (Abramovay et al., 2002).

Através da observação é possível compreender as singularidades das relações que se estabelecem entre mãe-bebê-família e contemplar, através da teoria psicanalítica, as possibilidades de avançar o debate da clínica em extensão. Nessa perspectiva, este estudo propõe-se a problematizar a temática da maternidade em um contexto de vulnerabilidade social, buscando compreender suas implicações no estabelecimento da relação entre mãe e filhos.

Discussão dos resultados

Maternidade, Desamparo e Vulnerabilidade

Atualmente, é bastante corriqueiro encontrarmos mulheres criando seus filhos sozinhas, independentemente de qualquer ajuda financeira

ou emocional. Nem sempre estas mulheres estão, de fato, sozinhas, muitas vezes contam com a presença do pai do bebê ou da família. No entanto, parecem impelidas a assumir, de maneira autossuficiente, a maternidade. Estas mães ostentam um lugar fálico, de empoderamento sobre o seu saber materno, exibem-se neste lugar de quem sabe muito bem dar conta do filho, da casa, do trabalho e de si mesmas. Para Lemos (2013, p. 64), "ao se dedicar inteiramente aos filhos, as mães contemporâneas demonstram incorporar as marcas de 'super mãe' / 'santa mãe', fazendo jus a uma imagem construída e idealizada desde o século XVIII". Tais marcas produzem uma mãe emblemática e sua imagem torna-se um imperativo social a respeito do que significa ser mulher e mãe, o que acaba por exercer um poder de ordenamento cultural. Nota-se, a partir desse imperativo, uma banalização dos paradoxos e das ambivalências que habitam o campo da maternidade, sobretudo quando ela ocorre precocemente. No caso que será apresentado, Valentina se vê diante de sua maternidade, em um contexto de vulnerabilidade social, tendo que abdicar de seu lugar enquanto adolescente e, solitariamente, desempenhar a complexa função da maternidade, que é plena de contradições.

Deparamo-nos com uma mãe solitária no exercício de suas funções e, sobretudo, no manejo dos mais contraditórios sentimentos. Vimos uma menina, mulher e mãe exercendo a maternidade da forma que lhe era possível e vivendo em um contexto caracterizado por insuficientes recursos econômicos e sociais. As observações costumavam evocar na observadora sentimentos de impotência, por se defrontar com o desamparo materno. A mãe, mesmo com o pai presente, precisava conduzir os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos de maneira solitária. A sua aparência era de cansaço e desânimo e suas reações diante dos apelos dos filhos costumavam evidenciar o quanto ela facilmente ficava desestabilizada. A maternidade, conjugada com o desamparo e a vulnerabilidade, evoca ao campo psicanalítico a necessidade de reconhecimento e a essas mães a necessidade de

uma sustentação e de um amparo dotados de empatia. Para tanto, nos apoiamos na premissa winnicottiana de que o desamparo não está somente na dimensão do bebê, como algo estrutural. Uma mãe é tão desamparada quanto o seu bebê (Winnicott, 1966/2006). Apesar desse desamparo materno ter algo de irreduzível, por se tratar de uma experiência que envolve dúvidas, inseguranças e incertezas, tem um fator que pode representar uma tentativa de superação, na medida em que a mãe encontra registros, na sua própria história, que lhe deem sustentação, novamente, tomando emprestado um conceito de Winnicott (1971/1975). O *holding* refere-se à função continente presente no exercício materno suficientemente bom. É ele que confere ao bebê a sensação de amparo para além do físico, pois não se trata apenas de um segurar físico, mas sobretudo emocional. O *holding*, entretanto, não é algo que se presentifica somente na relação mãe-bebê. Nesse caso, em específico, observamos a importância de ele estar presente na relação da mãe com o seu companheiro, de forma a não a deixar totalmente à mercê de seu próprio desamparo e diante de uma sobrecarga de funções. Vimos também que a vulnerabilidade, além das questões econômicas e sociais, que pode ser evidenciada nas paupérrimas condições de vida, em termos de moradia, higiene e alimentação, era de ordem psíquica, pela inconstância e fragilidade emocional da mãe.

O caso Valentina: uma menina, mulher e mãe

Valentina é o nome fictício pensado para essa mãe, por exercer um sentido peculiar no caso aqui apresentado. Em uma busca sobre o significado do nome "Valentina", deparamo-nos com a palavra "forte", que surge como um significante para esta mãe. Valentina nos remete a um lugar potente, alguém que vive com bravura, mesmo diante de um cenário tão vulnerável. Emprestamos esse nome a ela como uma forma de lhe conceder essa força, especialmente por ela ser uma jovem mãe, cuidando de duas crianças sozinha e da sua melhor maneira. Uma maneira

não tão bonita e afetiva como preconiza os ideais alusivos ao mito do amor materno (Badinter, 1985). Compreendia-se que ali, naquelas palavras e naquelas atitudes, manifestava-se algo de um sofrimento, via-se uma mãe desamparada, tendo dificuldades de amparar. Por diversas vezes encontramos a fraqueza em Valentina que, além da maternidade dupla, necessitava lidar com uma série de adversidades relacionadas ao seu contexto social.

Na vida desta jovem mãe sempre faltaram recursos financeiros, sociais, culturais e afetivos. Pensar em suas dificuldades nos permite compreender, de certo modo, os seus dissabores em relação à maternidade, pois Valentina necessitou dar aos filhos aquilo que, em muitos momentos, inexistiu para ela. A situação socioeconômica da família era bastante precária, marcada por muita dificuldade. Valentina e sua família moravam em uma vila bastante reconhecida na cidade pela pobreza, violência e tráfico de drogas. Ao engravidar, esteve amparada, em especial, pelo Programa de Extensão "Mãe-bebê: da gestação aos primeiros anos de vida", uma referência importante que realizava acompanhamentos de gestantes e puérperas nos momentos iniciais da relação mãe-bebê, possibilitando seu ingresso no Projeto de Pesquisa em questão.

Valentina é uma jovem de dezoito anos, casada com Lucas, que é treze anos mais velho e foi seu primeiro namorado. Ele era o único provedor da família e sua atuação era meramente de provisão financeira, de modo que ao longo das observações, quando estava em casa, permanecia o tempo inteiro no quarto. Tornou-se mãe com apenas quinze anos, de seu primogênito Antônio, que celebrou o seu terceiro aniversário durante as observações. Aos dezessete anos foi mãe pela segunda vez, do bebê Augusto, sendo que este nascimento deu origem às observações, por meio do Método Bick, na casa da família. Logo nos primeiros momentos de observação, alguns aspectos começaram a se destacar em relação ao funcionamento desta mãe, que encontrava dificuldades relativas ao seu papel materno. Valentina sorria, no entanto, seu sorriso não pa-

recia refletir felicidade. Parecia, na verdade, um sorriso tímido, desanimado e cheio de incertezas. Na presença da observadora parecia retratar algum tipo de alívio, como se naquele momento a observadora estivesse ali ao menos para dividir com ela o peso de estar só, diante das demandas dos filhos.

Valentina é a filha do meio de uma família já fragmentada em função da morte da mãe. Sempre se referia à mãe com saudades e raramente mencionava o pai, com quem mantinha uma relação distante. Durante o período em que se deram as observações, exercia sua função de mãe e dona de casa em tempo integral, aspecto bastante frequente naquele contexto social. Valentina demonstrava viver a maternidade de uma forma lamuriosa e ressentida. Queixava-se demasiadamente, pois não tinha a quem pedir ajuda. Muitas vezes, a sua queixa em estar só e cuidando de tudo sozinha transbordava em suas atitudes descomedidas em relação aos filhos e, principalmente, em relação ao Antônio (filho mais velho) que, recorrentemente, era investido por hostilização. A relação que se estabelecia entre Valentina e o bebê Augusto, por sua vez, estava sempre atravessada por um despreparo/desamparo, que causava angústia tanto na observadora como no grupo de pesquisa. Porém, de um modo geral, Valentina também despertava sentimentos de empatia, sendo que este sentimento foi essencial para o avançar das observações. A história de Valentina retrata uma maternidade em desamparo, que cuidava sem cuidado e sorria mesmo querendo chorar.

Na maternidade de Valentina, evidenciava-se a discrepância entre o modo idealizado do mundo materno e aquele outro lado, não tão bonito, vivenciado por outras tantas mulheres-mães. Convém mencionar que a intenção neste artigo não é a de criticar nenhuma forma de ser mãe. No entanto, é preciso trazer os diferentes modos maternos para reflexão, tendo como principal propósito a argumentação em relação à saúde mental destas mulheres-mães. De acordo com Lemos (2013, p. 35),

A subjetivação materna é calcada em uma esfera de pluralidade que nos convida a pensar não em um modo único de ser mãe, mas nas suas várias facetas, nas formas diversificadas de ser mãe contemporaneamente. Estas singularidades, no entanto, esbarram a todo o tempo em um conceito supervalorizado, poder-se-ia dizer endeusado, da própria maternidade.

Valentina mostrou sua face real de mãe, seus altos e baixos, seus momentos de ternura com os filhos, sua casa bagunçada e, muitas vezes, o seu lado mais agressivo. Contudo, apesar de todas as suas adversidades no desempenho da função materna, transparecia suas emoções e exercia sua maternidade com os recursos que tinha, da maneira que era possível. Para representar essa sua maneira de ser mãe trazemos o relato da 16ª observação (quatro meses e seis dias):

Antônio estava com a chupeta na boca, com olhos molhados e carinha de sono. Valentina estava sentada no sofá com Augusto no colo. Ela tira um dos seios para fora da blusa e oferece ao bebê que começa a mamar. Com os pés, embalava Antônio, que estava no bebê conforto no chão. Ele lhe pedia a mão e ela comenta comigo que o filho só dorme com a mão de um dos pais. Valentina segura a mão do filho e acaba ficando em uma posição desconfortável para dar de mamar a Augusto. Percebendo seu incomodo, me sinto inquieta e acabo por sair do papel de observadora, pegando na outra mãozinha de Antônio. Depois de algum tempo, a mãe solta a mão de Antônio e volta suas atenções para Augusto. Quando percebo também estou balançando o bebê conforto com o pé e continuo segurando a mão de Antônio, que parecia não se importar com minha proximidade. Logo percebo que Antônio está dormindo e solto sua mãozinha, digo a Valentina que ele dormiu e ela me responde ser um alívio quando ele dorme, pois nesse momento ela também pode ter um descanso.

Nesta cena, Valentina demonstra o seu modo de dar conta de tudo, de forma solitária. Com o pé, ela faz aquilo que as mãos não davam conta e, nesta sua maneira singular de exercer a sua maternidade, ia sendo capaz de dar aos filhos aquilo que era possível, dava-lhes tudo o que tinha. Diante desta cena, e de tantas outras observadas, testemunhamos a vida de uma mãe sozinha, o exercício de uma maternidade desamparada, uma mulher-mãe realizando um cuidado individualizado dos filhos, muitas vezes sem o apoio necessário. Durante essa observação, a

observadora sentiu a necessidade de emprestar o seu corpo, sua mão e o seu pé, no sentido de amparar tanto Antônio, que necessitava do contato materno para dormir, quanto Valentina, que necessitava de auxílio naquele momento, pois não conseguia atender os dois filhos concomitantemente.

Valentina era uma jovem mãe cercada por familiares, também era casada, porém pouco podia contar com a ajuda dessas pessoas na prática do cuidado dos filhos e da casa. Diferente deste modo contemporâneo, de divisão de tarefas domésticas e apoio em relação à responsabilidade na educação dos filhos, Lucas, pai das crianças, implicava-se pouco com as questões relacionadas à família, restando para Valentina assumir praticamente sozinha todas as tarefas. Para representar esta carência de apoio do pai em relação ao cuidado dos filhos, trazemos a 9ª observação (dois meses e 21 dias):

Lucas aparece na porta com Antônio no colo, ele olha para o filho e diz "o pai vai tomar banho agora e depois o pai vai sair". O menino olha para o pai e já faz cara de choro, o pai segue falando "não precisa chorar, tu também vai sair com a mãe e com o mano". O pai dá um abraço e o larga, o menino vai para perto da mãe que também o abraça. Depois de algum tempo Lucas sai do banho, comentando com Valentina que foi convidado para uma confraternização de encerramento da firma, no entanto, Valentina parece não aprovar. Ele segue falando com a esposa do quarto e diz que a comemoração seria naquele mesmo dia. Valentina faz uma careta e nada responde.

Esse relato de observação revela a característica deste pai em relação ao cuidado dos filhos. Durante as observações era comum que Lucas não estivesse presente, em função do seu trabalho e, mesmo quando encontrava-se em casa durante a observação, nunca permanecia junto à família. Quando era chamado por Valentina, para ajudar com os filhos, parecia ignorar seu compromisso com essas tarefas. Lucas sempre parecia omitir-se das responsabilidades em relação aos filhos, deixando este encargo nas mãos de Valentina, que precisava tomar conta das crianças enquanto ele desfrutava de seu tempo com outras tarefas ou até mesmo descansando

no quarto, não havendo tempo de repouso para a mãe. Em seu estudo sobre as vicissitudes da maternidade, Cardoso & Vivian (2017) discorrem sobre a importância do apoio que a mulher-mãe necessita receber das pessoas que a cercam e destacam a função de apoio do marido, que além de proteger a mãe fisicamente, provendo todas as suas necessidades vitais, também precisa encarregar-se de amparar a mulher emocionalmente, dando-lhe condição para sentir-se apoiada, segura, amada, valorizada, apreciada e ajudada.

A família pode exercer um papel de cuidado, no sentido de olhar para a mãe e seu bebê. É comum, nessas circunstâncias, a mãe da mãe cuidar da filha e do neto e, quando as avós, materna ou paterna, estão ausentes, existe uma tia ou, até mesmo, uma amiga (Prata, 2016). No caso de Valentina, o suporte oriundo do cuidado familiar também era praticamente inexistente, sendo que ela pouco parecia poder contar com a ajuda de seus familiares. Presenciamos, através das observações, uma maternidade desprotegida, desamparada, em um contexto de vulnerabilidade social.

Diante das observações na casa de Valentina, nos questionávamos sobre quem faria uma função de apoio para essa mãe, para que ela exercesse uma maternidade de maneira suficientemente boa, utilizando uma expressão winicottiana. De acordo com Winnicott (1983/2011), para que um bebê possa desenvolver-se satisfatoriamente, será preciso que a mãe ou aquela que se propõe a matinar o bebê seja suficientemente boa, no sentido de proporcionar um *holding* satisfatório. Ainda conforme o autor:

O holding tem muita relação com a capacidade da mãe de identificar-se com seu bebê. Um holding satisfatório é uma porção básica de cuidado, só experimentada nas reações a um holding deficiente. O holding deficiente produz extrema aflição na criança, sendo fonte: da sensação de despedaçamento, da sensação de estar caindo num poço sem fundo, de um sentimento de que a realidade exterior não pode ser usada para o reconforto interno, e de outras ansiedades que são geralmente classificadas como psicóticas. (Winnicott, 1965/2001, p. 26).

O agente materno que provê o *holding* ao bebê

também necessitará de um ambiente sensível e acolhedor, que favorecerá uma atmosfera emocional propícia a uma relação saudável entre a mãe e seu bebê. A mãe também necessitará ser cuidada, protegida e amparada para sustentar o *holding* do bebê. Para Valentina, este ambiente capaz de sustentar a sua maternidade parecia insuficiente, pois faltava a ela a oportunidade de cuidar de si ou de ser cuidada, para que pudesse exercer a sua maternidade de um modo diferente deste que era percebido como fatigante. Medeiros & Aiello-Vaisberg (2014) ressaltam que o *holding* também pode ser compreendido como uma provisão ambiental suficientemente boa, lançada para além da figura materna e traz a noção de cuidado, que abrange outros fatores implicados ao desenvolvimento do bebê que não apenas a mãe. Em seu estudo as autoras, ainda, ressaltam que "toda pessoa necessita sentir-se sustentada ao longo de toda a sua vida, variando a forma e a intensidade desta sustentação, uma vez que a condição humana apresenta uma instabilidade jamais completamente resolvida pela maternagem suficientemente boa inicial" (Medeiros & Aiello-Vaisberg, 2014, p. 52).

Assim, para que a mãe possa exercer a sua maternidade suficientemente boa é necessário contar com um aporte humano que possa oferecer a ela essa sustentação (*holding*). Contudo, no caso aqui narrado, Valentina, vivendo sua maternidade cercada pela vulnerabilidade de diversas ordens, contava com poucos recursos de manejo da experiência de desamparo. Percebemos que os momentos de observação, inspirados no Método Bick, possibilitam o exercício da função de *holding*, na medida em que o observador não pauta a observação em julgamentos e críticas e sim em um acolhimento e escuta sensíveis. Este método observacional evidencia, nesse sentido, seu potencial terapêutico ao envolver a importância da escuta não interventiva e do olhar atento e empático às expressões da relação mãe-bebê.

Por diversas vezes, a observadora sentiu-se impelida a ajudar, a partir da escuta atenta às queixas e lamentações de Valentina. Em algumas situações, acabava afastando-se do lugar

de observadora, emprestando a ela aquilo que fosse necessário para dar suporte e cuidado, por meio de palavras de incentivo ou de um colo para as crianças. Importante pontuar que sempre procurava agir respeitando a mãe e sua posição de saber. Esse suporte à mãe foi nomeado por Benavides e Boukobza (1997) de "clínica do *holding*" e "*holding do holding*". De acordo com os autores, esse amparo possibilita a restauração da função materna, de modo que a mãe, ao experimentar o *holding* da observadora, sente-se cuidada e autorizada a oferecer o cuidado e o *holding* aos filhos. Assim sendo, a mãe encontra possibilidades de exercer uma maternidade suficientemente boa.

Considerações finais

Nosso objetivo, ao longo deste artigo, foi discutir a maternidade em um contexto de vulnerabilidade social e suas implicações no estabelecimento da relação entre a mãe e seus filhos. Cabe destacar que não tivemos, com este estudo, a intenção de apontar uma verdade irrefutável a respeito da maternidade, pelo contrário, propomo-nos a construir uma possibilidade de reflexão acerca desse tema. Apresentamos o caso de Valentina, uma mulher-mãe que, apesar da família e do esposo, experimentava a maternidade de forma desamparada. Seu sofrimento chegou diversas vezes à exaustão, o que resultava em perda de controle emocional, revelando uma franca agressividade em relação aos filhos.

Ao nos depararmos com a vulnerabilidade, seja ela psíquica, seja ela social, nos remetemos ao conceito de *holding* e *holding do holding*, como importantes recursos favorecidos pelo Método Bick, que representaram um acolhimento do desamparo materno, sem atravessamentos de críticas e julgamentos, facilmente lançados às mães-mulheres, no sentido de corresponderem a um ideal de maternidade. O amparo fornecido possibilita a restauração da função materna, de modo que ao viver a experiência de *holding*, a mãe consegue sustentar o *holding* para o seu bebê.

Para a psicanálise, a função materna é essencial para a constituição psíquica de uma criança.

Esse preceito, de certo modo, abre precedente para os imperativos sociais, que se impõem sobre a maternidade, no sentido de que a responsabilidade quanto à constituição do bebê recai inteiramente sobre a mãe. Por outro lado, a psicanálise também exerce compromisso, no sentido de pensar em estratégias de intervenção e de cuidado destas mães. Assim, faz-se importante refletir sobre o papel, no campo da psicanálise, com relação ao cuidado dessas mulheres-mães. Há a necessidade de uma escuta sensível acerca deste tema, também promotor de sofrimento, que pode impactar na saúde mental destas mães, de seus filhos e familiares. Nesse sentido, a psicanálise pode atuar no sentido de problematizar os cuidados preventivos em relação à maternidade na contemporaneidade, uma vez que a maternidade também se faz a partir do olhar do outro, que investe nesta mulher e na sua capacidade para maternar seu bebê.

Evidencia-se o valor do Método Bick de Observação, que possibilita o acompanhamento terapêutico de mulheres-mães que, assim como Valentina, necessitam de um olhar sensível e acolhedor. Essa observação promoveu o acompanhamento de uma mãe que necessitava de suporte, sendo que o observador ocupou o lugar de alguém que pudesse estar junto, oferecendo amparo psíquico à mãe. Assim, o Método Bick de Observação exerce uma função terapêutica de suporte emocional para as mulheres-mães que vivem uma maternidade desamparada.

Considera-se, por fim, que a elaboração de políticas públicas que deem sustentação às mães nessas condições de vulnerabilidade e desamparo se mostra imprescindível para a construção de uma maternidade amparada. Nessa perspectiva, o presente estudo demarca um ponto importante, ao levantar a questão da maternidade enquanto experiência de desamparo. Ainda, cabe destacar a importância do Programa de Extensão, que realiza acompanhamento de gestantes, parturientes e mães nos momentos iniciais da relação mãe-bebê, sendo uma importante referência para as mães daquela localidade caracterizada por condições sociais vulneráveis. Ressalta-se,

assim, que tanto as atuações do Programa de Extensão neste contexto de vulnerabilidade, quanto as contribuições da psicanálise, através do Projeto de Pesquisa e do Método Bick de Observação, mostraram-se fundamentais para o entendimento dos sentimentos de desamparo vivenciados por essa mãe e para a construção de caminhos a uma maternidade amparada.

Referências

Abramovay, M.; Castro, M.; Pinheiro, L.; Lima, F., & Martinelli, C. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. UNESCO; BID.

Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Nova Fronteira.

Benavides, F., & Boukobza, C. (1997). A clínica do holding. In D. Wanderley, *Palavras em torno do berço* (pp. 89-106). Ágalma.

Bick, E. (2002). Notes on infant observation in psycho-analytic training. In Briggs, A., & Meltzer, D. (Eds.), *Surviving space: papers on infant observation* (pp. 37-54). Karnac Books. (Original publicado em 1964). <https://doi.org/10.4324/9780429480577-3>.

Cardoso, A., & Vivian, A. (2017). Maternidade e suas vicissitudes: a importância do apoio social no desenvolvimento da diade mãe-bebê. *Diaphora*, 17(1), 43-51.

Coelho, D., & Santos, M. (2012). Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica. *Analytica*, 1(1), 90-105.

Cursino, R.; Sampaio, M.; Amazonas, M., & Siqueira, E. (2015). *A intersubjetividade na pesquisa qualitativa interlocação com o Método Bick de Observação*. In Anais do 4º Congresso Ibero Americano em Investigação Qualitativa e do 6º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação. Universidade Tiradentes.

Fédida, P. (1991). *Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica*. Escuta.

Lemos, R. (2013). *As várias faces da mãe contemporânea* [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais]. http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_LemosRF_1.pdf

Medeiros, C., & Aiello-Vaisberg, T. (2014). Reflexões sobre holding e sustentação como gestos psicoterapêuticos. *Psicologia Clínica*, 26(2), 49-62.

Oliveira-Menegotto, L., Menezes, C., Caron, N., & Lopes, R. (2006). O Método Bick de Observação de bebês como método de pesquisa. *Psicologia Clínica*, 18(2), 77-96. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652006000200007>

Prata, A. (2016). *Apoio e Sustentação ao Desamparo Materno: uma escuta psicanalítica* [Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/19161>

Scorsolini-Comin, F., Nedel, A., & Santos, M. (2011). De perto, de longe, de fora e de dentro: a formação do observador a partir de uma experiência com o Método Bick. *Psicologia Clínica*, 23(2), 151-170. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652011000200010>

Winnicott, D. (2001). *A família e o desenvolvimento individual*. Martins Fontes. (Original publicado em 1965).

Winnicott, D. (2011). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Artmed. (Original publicado em 1983).

Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Imago Editora. (Original publicado em 1971).

Winnicott, D. (2006). *Os bebês e suas mães*. Martins Fontes. (Original publicado em 1966).

Maiquélen Silva

Graduada em Psicologia pela Universidade Feevale, em Novo Hamburgo, RS, Brasil.

Amanda Wecker

Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale; Graduada em Psicologia pela Universidade Feevale, em Novo Hamburgo, RS, Brasil.

Lisiane Machado de Oliveira-Menegotto

Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestra em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professora da Universidade Feevale, em Novo Hamburgo, RS, Brasil.

Carmen Esther Rieth

Mestra em Saúde Coletiva pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em Canoas, RS, Brasil. Professora da Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Lisiane Machado de Oliveira-Menegotto

Universidade Feevale

Curso de Psicologia

ERS-239, 2755

93525-075

Novo Hamburgo, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.